

INFORMATION LITERACY: UMA REVOLUÇÃO SILENCIOSA, DIFERENTES CONCEPÇÕES PARA A COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO

Subtema: Acesso e Excesso de Informações
Categoria: Reflexão teórica

Elisabeth Adriana Dudziak

Escola Politécnica da USP
Serviço de Bibliotecas
Av. Prof. Luciano Gualberto, Trav.3, n. 158
05508-900 - São Paulo – SP
E-mail: elisabeth.dudziak@poli.usp.br

Uma revolução silenciosa está em andamento, com o crescente interesse por parte de bibliotecários e educadores em torno da *information literacy* ou competência em informação. O conceito, face ao cenário atual, tem sido amplamente adotado e difundido em países como os Estados Unidos e Austrália. *Information Literacy* surgiu na literatura em 1974 e basicamente pode ser definida como o domínio sobre o universo informacional, incorporando habilidades, conhecimentos e valores relacionados à busca, acesso, avaliação, organização e difusão da informação e do conhecimento. O objetivo deste trabalho é, a partir de uma perspectiva teórico-documental, aprofundar os conhecimentos acerca do tema, apresentar uma retrospectiva histórica, definir o conceito, evidenciar diferentes concepções/ênfases em torno da *information literacy*. A interface com a Educação e o papel do bibliotecário como agente educacional também são abordados. A *information literacy* surge como uma nova filosofia educacional, base para a gestão do conhecimento e o aprendizado ao longo da vida.

1. Introdução

O mundo atual atravessa um período de transição. Mudanças tecnológicas, econômicas, políticas e sociais transformaram a visão atual de mundo e, por conseqüência, de educação. Neste ambiente, promovendo o acesso à informação e à comunicação que ignora fronteiras, a rede mundial *Internet* ganhou popularidade, indiscutivelmente integrada ao dia a dia da sociedade, uma das mais importantes ferramentas de comunicação e interação social do milênio (Levy, 1999).

Do excesso de informações disponibilizadas surgiu o paradoxo do não acesso à informação. Por si mesma a explosão informacional criou barreiras como o número praticamente ilimitado de fontes, as emergentes ferramentas informacionais disponíveis e a falta de habilidade em lidar com tais ferramentas. Essas barreiras revelam a urgência em preparar o ser humano para compreender:

1. Como definir suas necessidades informacionais,
2. como buscar e acessar efetivamente a informação necessária,
3. como avaliá-la (pertinente ou não, relevante ou não),
4. como organizá-la,
5. como transformá-la em conhecimento,
6. como aprender a aprender,
7. como aprender continuamente.

Essas necessidades levaram a questionamentos que se referem à capacitação dos indivíduos frente a essa nova realidade. Como prepará-los para lidar com esse volume superlativo de informações em seus mais diferentes suportes, a partir de variadas fontes? Como levá-los a internalizar os fenômenos ligados à competência em informação, conduzindo-os ao aprendizado independente, ao longo da vida?

A idéia de capacitar o indivíduo a ter o “domínio sobre o universo informacional”, fez crescer entre os bibliotecários o interesse pela *Information Literacy*, expressão emergente que se liga inegavelmente à competência em informação. A literatura internacional tem se mostrado pródiga na abordagem deste tema, tendo sido encontrados artigos e trabalhos científicos americanos, europeus, asiáticos, sul-africanos, canadenses e australianos.

2. *Information Literacy*: a evolução do conceito

A expressão *Information Literacy* surgiu pela primeira vez na literatura em 1974 em um relatório intitulado: *The information service environment relationships and priorities*, de autoria de um bibliotecário americano chamado Paul Zurkowski. Presidente da *Information Industry Association (IIA)*, Paul Zurkowski integrava a equipe da *National Commission on Libraries and Information Science*, a qual tinha como propósito estabelecer as diretrizes para

um programa nacional de acesso universal à *Information Literacy*, face ao cenário de transformações, a ser concluído até 1984.

Pessoas treinadas na aplicação dos recursos de informação em seu trabalho podem ser chamadas de competentes (“literates”) em informação. Elas aprenderam técnicas e habilidades de utilização de um grande número de ferramentas de informação assim como as fontes primárias de modo a criar as soluções para seus problemas. (Traduzido de Zurkowski, 1974 apud Behrens, 1994, p.310).

Zurkowski sugeria que:

- a) os recursos informacionais deveriam ser aplicados a situações de trabalho;
- b) técnicas e habilidades seriam necessárias no uso das ferramentas de acesso à informação, assim como no uso de fontes primárias;
- c) a informação deveria ser usada na resolução de problemas.

Em seu trabalho, Zurkowski recomendava que as relações entre as organizações privadas e as bibliotecas se expandissem, potencializando o acesso e uso da informação em todos os setores, engendrando um movimento nacional de *Information Literacy*.

Em 1976, o conceito de *Information Literacy* reapareceu, adquirindo uma nova dimensão, em um simpósio da Biblioteca da Universidade do Texas (*Texas A & M University Library's Centennial Academic Assembly, Set. 1976 – E.U.A.*), cujo tema central foi “O futuro da organização do conhecimento”. Agora mais abrangente, ligava-se a uma série de habilidades e conhecimentos, incluindo a localização e uso da informação para a resolução de problemas e tomadas de decisão, com efetiva e eficiente localização e utilização da informação. (Lee Burchinal, 1976 apud Behrens, 1994).

Porém, foi só em 1979 que Robert S. Taylor (1979), bibliotecário, E.U.A., estabeleceu o vínculo definitivo entre os bibliotecários e a *Information Literacy*, em artigo destinado a discutir o futuro da profissão. Taylor sugeria que a maioria dos problemas poderia ser resolvida por meio do uso da informação, e que o conhecimento dos recursos informacionais (tanto para pessoas quanto para organizações) era absolutamente necessário.

O conceito de *Information Literacy* começava a se popularizar entre bibliotecários, educadores e administradores. Surgiu e foi construído a partir de uma preocupação em relação ao número crescente de informações disponibilizadas (seu acesso físico e organização), e a admissão de que a informação é essencial à sociedade. Nos anos que vieram, o conceito adquiriu feições novas e variadas.

Em 1985, Patricia S. Breivik (1989), a partir do estudo de usuários da Biblioteca da *University of Colorado* em Denver, E.U.A. (uma comunidade de mais de 30.000 estudantes), publicou documento onde define os pressupostos da *Information Literacy*:

- a) Um conjunto integrado de *habilidades* (estratégias de pesquisa e avaliação);
- b) Inclui o *Conhecimento* de ferramentas e recursos informacionais; *habilidades e conhecimentos* não restritos nem dependentes dos recursos da biblioteca, desenvolvidos através de *atitudes* como a persistência, a atenção ao detalhe, cuidado na avaliação e variedade de fontes, direcionamento ao problema em questão;
- c) *Information Literacy* não significa apenas achar a informação; significa entendê-la, avaliá-la e usá-la. P. 723.

O trabalho de Breivik foi de suma importância, pois se constituiu num dos primeiros passos em relação à aproximação e integração do trabalho desenvolvido por bibliotecários, docentes e educadores em geral, na implementação de programas educacionais voltados para a competência em informação.

Em 1987, surge no cenário a monografia de Carol C. Kuhlthau intitulada *Information Skills for an Information Society: a review of research (ERIC Document, 1987, E.U.A.)* onde lança as bases da *Information Literacy Education*, ou seja, a Educação voltada para a *Information Literacy*, segundo dois eixos fundamentais:

- a) A integração da *Information Literacy* ao currículo, a partir da proficiência em investigação, identificada como a meta das bibliotecas do ensino médio;
- b) o amplo acesso aos recursos informacionais, cruciais ao aprendizado estudantil, a partir da apropriação das tecnologias de informação. Os estudantes usam as tecnologias de

informação como ferramentas na busca pelas informações mais apropriadas ao seu aprendizado. (Kuhlthau, 1987 *apud* Doyle, 1994, p.88)

Ao referir-se à proficiência investigativa como meta educacional e ao acesso irrestrito aos recursos informacionais, Kuhlthau (1991) amplia o conceito de *Information Literacy*, desfazendo a noção corrente na época de que as habilidades informacionais se restringiam à biblioteca e aos materiais bibliográficos. O foco estava no aprendizado a partir dos processos investigativos (*inquiry learning*) e da integração curricular.

O que significa ser literato (literate) na Era da Informação? (...) Isso envolve as habilidades de ler e usar a informação, o que é essencial à vida diária. Também envolve o reconhecimento da informação como necessidade e a busca da informação para tomar decisões conscientes (...) requer as habilidades de manejar massas complexas de informações geradas por computadores e meios de comunicação de massa, assim como aprender ao longo da vida uma vez que as mudanças técnicas e sociais demandam novas habilidades e conhecimentos. (trechos retirados e traduzidos do documento ERIC intitulado: Information skills for an Information Society: a review of research. Syracuse, 1987).

Em 1987, Patricia S. Breivik e E. Gordon Gee (1989), acreditando que a educação na Era da Informação deveria tornar os indivíduos aprendizes por toda a vida, publicam o livro intitulado *"Information Literacy: Revolution in the Library"*. Breivik e Gee, respectivamente bibliotecária e reitor da Universidade do Colorado, E.U.A., realizaram um trabalho conjunto, enfatizando a cooperação entre bibliotecários e administradores das universidades, bem como o papel educacional das bibliotecas. Breivik e Gee introduziram o conceito da educação baseada em recursos (*resource-based learning*), onde se destacam os processos de construção de conhecimento a partir da busca e uso da informação, de maneira integrada ao currículo (Lavery, 1997).

Com a publicação de *"Information Power"* pela ASSL-ALA em 1988, um consenso começava a se delinear: o da necessidade vital de integração das bibliotecas e dos processos e programas educacionais, com a cooperação entre docentes e bibliotecários. Novas competências começavam a ser exigidas do bibliotecário como educador e os programas de

educação de usuários deviam ser expandidos. A relação entre bibliotecas, educação e a *Information Literacy* se consolidou.

Em 1989, a ALA - *American Library Association*, através do *Presential Committe on Information Literacy: Final Report* (Chicago: ALA, 1989) publicou um documento a respeito de *Information Literacy*, preparado por um grupo de bibliotecários e educadores. Largamente reproduzido e disseminado, possui uma definição de *Information Literacy* que é hoje a mais citada na literatura:

*Para ser competente em informação, uma pessoa deve ser capaz de reconhecer quando uma informação é necessária e deve ter a habilidade de localizar, avaliar e usar efetivamente a informação (...)Resumindo, as pessoas competentes em informação são aquelas que aprenderam a aprender. Elas sabem como aprender pois sabem como o conhecimento é organizado, como encontrar a informação e como usá-la de modo que outras pessoas aprendam a partir dela. (American Library Association - Presential Committee on Information Literacy 1989, p.1)*¹

A ALA recomendava a implantação de um novo modelo de aprendizado, baseado numa maior integração entre a sala de aula e a biblioteca.

Na década de 90 começou a se popularizar o conceito de aprendizagem ao longo da vida (*lifelong learning*) e o interesse pela implementação de programas educacionais voltados para a *Information Literacy* aumentou. Em função do crescimento exponencial de informações disponibilizadas principalmente através da Internet, era cada vez mais urgente preparar os profissionais e indivíduos para lidarem com essa nova realidade.

A *Information Literacy* tornou-se a resposta e vários estudos de caso começaram a aparecer na literatura, originados de países como a Austrália, Reino Unido, Canadá, África do

1. "To be information literate, a person must be able to recognize when information is needed and have the ability to locate, evaluate, and use effectively the needed information...Ultimately, information literate person are those who have learned how to learn. They know how to learn because they know knowledge is organized, how to find information, and how to use information in such a way that others can learn from them. They are people prepared for lifelong learning, because they can always find the information needed for any task or decision at hand."(ALA, 1989)

Sul. O movimento em torno do tema adquiriu proporções mundiais. Se na década de 80 o número de documentos sobre o tema não passava de 68, na década de 90 ultrapassaram a marca dos 855 (*dados coletados a partir das bases de dados ERIC e LISA*). Surgiram também vários neologismos relacionados: *Digital literacy* ou *multimedia literacy*, ligado ao ciberespaço e às comunidades virtuais (Lanham, 1995). *Information Technology Literacy* (National, 1999). *Mediacy* - Definida como treinamento/capacitação em navegação eletrônica (Carbo, 1997).

Destacam-se neste período os trabalhos de Cristina S. Doyle (*California Technology Project and Telemation Project*, 1994) e Shirley Behrens (*University of South Africa*, 1992; 1994) por suas reflexões teóricas.

Em 1996, Cristine S. Bruce da *Queensland University of Technology* (Austrália), tomando como ponto de partida os estudos de Candy (*apud Bruce*, 1997) e seus colaboradores defendeu sua tese intitulada *Information Literacy: a phenomenography*. Partindo de um estudo de caso baseado nas experiências de educadores e profissionais de informação de duas universidades australianas, sobre o que significaria ser competente em informação, Bruce oferece um novo modelo de entendimento da *Information Literacy*, denominado *modelo relacional que*, de certa forma, repudia a literatura corrente por considerá-la eminentemente baseada na aquisição de comportamentos.

Entendendo a *Information Literacy* como fenômeno, Bruce (1997) parte do pressuposto de que a *Information Literacy* é muito mais uma questão situacional experimentada pelos sujeitos, resultando disso uma ênfase em determinadas concepções e experiências. Bruce abriu caminho para a visão do aprendizado, conceito eminentemente dinâmico, a partir do que denominou as sete faces da *Information Literacy* (tecnologia da informação, fontes de informação, processo de informação, controle de informação, construção de conhecimento, extensão do conhecimento e inteligência).

Em março de 1998, a *American Library Association* (ALA, 1998) lançou um relatório de atualização intitulado: "*A progress report on information literacy: An update on the American Library Association Presidential Committee on Information Literacy: Final Report*". Nesse documento, delineia seis recomendações relativas ao assunto, reafirmando a necessidade de adequação de sistemas e de profissionais de informação à realidade atual de

multiplicidade de recursos e fontes informacionais, reforçando a necessidade de atuação interdisciplinar.

Atualmente existem várias instituições que se dedicam ao aprofundamento dos estudos em torno da *Information Literacy*. Em 1997 foi criado o *Institute for Information Literacy* (ALA – ACRL). Outra organização que recebe suporte da ALA é a *Library Instruction Round Table* (LIRT). Drew Smith mantém desde 1997 o *Directory of Online Resources for Information Literacy* (DORIL) na Web. Hannelore B. Rader (1998) publica anualmente, desde 1991, revisão bibliográfica intitulada *Bibliographic Instructions and Information Literacy*.

3. A *Information Literacy* no Brasil

No Brasil, dadas as devidas proporções, os precursores da *Information Literacy* estão entre aqueles bibliotecários que desenvolveram estudos seguindo a tradição de preocupação social-educativa e ações culturais bibliotecária, verdadeiras “traduções regionais” da *Information Literacy* no Brasil, destacando-se: Breglia, 1986; Cerdeira, 1975; Flusser, 1982; Macedo (pelo conjunto de sua obra), Milanesi, 1986; Rabello, 1980; Targino, 1983. (autores mencionados em Dudziak, 2001).

Na década de 90 podemos destacar:; Alves, 1992; Cysne, 1993; Faria, 1999; Fernandes & Verni, 2000; Litto, 1997/1998; Martinez & Calvi, 1998; Milanesi, 1997; Neves, 2000; Obata, 1999; Perroti, 1990, entre outros (autores mencionados em Dudziak, 2001).

Especial menção a projetos como o PROESI: Programa Serviços de Informação em Educação (ECA-USP), voltado para a biblioteca interativa e ao NCE: Núcleo de Comunicação e Educação (ECA-USP), voltado às inter-relações entre Comunicação e Educação.

4. *Information Literacy*: análise da expressão

Fruto da associação de dois termos - *information* e *literacy*, advém em sua gênese da necessidade de "sobreviver" à realidade de crescimento exponencial do universo informacional, num cenário essencialmente pós-moderno e informático, tendo sua origem no surgimento da Sociedade da Informação (Bruce, 1997).

A análise do termo *Informação* é muito complexa, uma vez que o conceito engloba muitas definições e interpretações. De forma simplificada, a informação pode ser definida como um elemento chave da comunicação, da qual é indissociada. Já o conceito de *literacy*, que historicamente foi definida como “*a habilidade de ler, escrever e compreender*” (Langford, 1998), atualmente pode ser definida como “*a habilidade de compreender matérias, ler criticamente, usar materiais complexos, e aprender por si mesmo*” (Lyman, 1979, p.196). Entretanto, o termo não apresenta um significado preciso pois é um conceito dinâmico, diferindo de cultura para cultura, influenciado por expectativas e valores, sociais e individuais.

Literacy e Information Literacy quase se confundem, podendo uma ser tomada pela outra, em função da estreita ligação que existe entre informação e *literacy*, principalmente no contexto atual. Nesse sentido, a utilização do termo *competência* talvez fosse mais adequada. Segundo Fleury & Fleury (2000, p.21), a palavra competência pode ser definida como “*um saber agir responsável e reconhecido, que implica mobilizar, integrar, transferir conhecimentos, recursos, habilidades, que agreguem valor...*”.

A *Information Literacy* surgiu no âmbito da Biblioteconomia. Entretanto, é fato que não existe uma unanimidade a respeito do significado da expressão. Muitas vezes substitui expressões historicamente consolidadas no meio, como a educação de usuários, pesquisa bibliográfica, orientação bibliográfica, etc. Da mesma forma, sua tradução para a língua portuguesa merece considerações especiais. Alfabetização informacional e letramento são algumas das expressões possíveis. Porém, devemos considerar as implicações do uso de tais expressões, uma vez que ambas podem restringir o significado de *Information Literacy*.

No decorrer da evolução e disseminação do conceito, ficou clara a existência de diferentes concepções de *Information Literacy*, que variam de acordo com experiências e prioridades de teóricos e profissionais envolvidos com a informação.

5. Diferentes concepções de *Information Literacy*

Três concepções de *Information Literacy* se destacam: a concepção da informação (com ênfase na tecnologia da informação); a concepção cognitiva (ênfase nos processos cognitivos); a concepção da inteligência (ênfase no aprendizado). Tais concepções determinam

diferentes níveis de complexidade da *Information Literacy*, que serão brevemente analisados a seguir.

a) Concepção ou nível da informação: ênfase na tecnologia da informação

A *Information Literacy* com ênfase na tecnologia da informação prioriza a abordagem do ponto de vista dos *sistemas*, com o aprendizado de mecanismos de busca e uso de informações em ambientes eletrônicos, desprovido de aprofundamento em relação à análise de conteúdos e o pensamento crítico. Limitado ao simples aprendizado de habilidades e conhecimentos instrumentais, praticamente mecânicos, tem como foco o acesso à informação.

Associada à Sociedade da Informação, marcada pela forte influência da tecnologia, o conceito de competência em informação é definido como a pesquisa, estudo e aplicação de técnicas e procedimentos ligados ao processamento e distribuição de informações com base no desenvolvimento de *habilidades* no uso de ferramentas e suportes tecnológicos.

Neste contexto, a biblioteca aparece como *suporte ao ensino/pesquisa* e proporciona o acesso físico à informação organizada. O profissional da informação assume o papel de *intermediário da informação*. O paradigma informacional e educacional reproduzido é o tradicional, apesar do aporte tecnológico.

b) Concepção ou nível do conhecimento: ênfase nos processos cognitivos

Muitos autores relacionam a competência em informação aos processos de busca da informação para construção de conhecimento. Envolvendo uso, interpretação e busca de significados, dentro da perspectiva da Sociedade do Conhecimento, procura-se a construção de modelos mentais, não apenas respostas às perguntas. O foco está no indivíduo, em seus processos de compreensão da informação e seu uso em situações particulares. Os sistemas de informação são examinados à maneira como são percebidos pelo *indivíduo*. Os pesquisadores que se dedicam a essa concepção de *Information Literacy* procuram entender como as pessoas buscam sentido para seus questionamentos e pesquisas, a partir de suas *habilidades e conhecimentos*.

A Biblioteca é concebida como *espaço de aprendizado* e o profissional da informação aparece ora como *gestor do conhecimento*, ora como *mediador* nos processos de busca da informação. O paradigma educacional que dá suporte a esse modelo de *Information Literacy* é o alternativo, que privilegia o processo de ensino/aprendizado, tendo o foco no indivíduo/aprendiz.

c) Concepção ou nível da inteligência: ênfase no aprendizado ao longo da vida

Alguns autores relacionam a competência em informação com o aprendizado, considerando que a *Information Literacy* deveria englobar além de uma série de *habilidades e conhecimentos*, a noção de *valores* ligados à dimensão social e situacional. A construção de redes de significados a partir do que os aprendizes lêem, ouvem e refletem constitui o que se chama de estrutura de aprendizado, essencial à extrapolação do entendimento. As ligações que se estabelecem entre habilidades, conhecimentos e valores determinam o aprendizado, levando a mudanças individuais e sociais.

Entender a *Information Literacy* nesse nível é considerar a dimensão social e ecológica do aprendiz, percebendo-o não mais como *usuário*, nem tampouco como *indivíduo*, antes como *sujeito*, que é o indivíduo enquanto ator social, cidadão (Tourraine *apud* Castells, 1999), inserindo-o perfeitamente na chamada Sociedade de Aprendizado. É incorporar as concepções anteriormente descritas, considerando porém que a sociedade, as instituições, docentes, bibliotecários e estudantes, compõem um sistema relacionado onde todos devem ser aprendizes. Isto pressupõe mais que a apropriação tecnológica ou a mudança nos processos cognitivos. Presume a incorporação de um estado permanente de mudança, a própria essência do *aprendizado como fenômeno social*.

Neste cenário a biblioteca aparece como *espaço de expressão* do *sujeito* e o profissional da informação transforma-se em *agente educacional*, ativamente envolvido com a comunidade. Voltada para o aprendizado ao longo da vida, a definição de *Information Literacy* apresentada a seguir é fruto desta visão.

Information Literacy é o processo contínuo de internalização de fundamentos conceituais, atitudinais e de habilidades necessários à compreensão e interação permanente com o universo informacional e sua

dinâmica, de modo a proporcionar um aprendizado ao longo da vida.
(Dudziak, 2001, p. 143)

6. Information Literacy Education

Se a *Information Literacy* é uma metáfora da própria condição de aprendizado permanente do ser social, a *Information Literacy Education* é o caminho que nos leva a ela. A Educação que privilegia a competência em informação é aquela que socializa o acesso à informação, ao conhecimento e ao aprendizado. Incentiva a participação ativa da comunidade (ou seja, seu comprometimento) na definição de objetivos educacionais. Enfatiza práticas curriculares como o *currículo integrado* (cuja base é a transdisciplinaridade - Hernández, 1998) e o *aprendizado baseado em recursos* (*resource-based learning* – Lavery, 1997). Adota práticas pedagógicas voltadas para a construção de conhecimento, o aprendizado independente e o aprendizado ao longo da vida, a partir da ênfase em duas práticas pedagógicas: a elaboração de *projetos de pesquisa* e a *resolução de problemas*.

A *Information Literacy Education* é um processo que acontece lentamente e envolve toda a comunidade educacional, tendo seu desenvolvimento neste contexto. A implementação da *Information Literacy Education* não é tarefa simples, demandando profundas mudanças na cultura das comunidades e instituições educacionais. O movimento transformador que envolve a *Information Literacy Education* inicia-se na comunidade com a percepção da necessidade de informação, de socialização do acesso físico e intelectual à mesma, evoluindo para a gestão de conhecimento, chegando à visão de um projeto educacional inovador.

Information Literacy Education se baseia em:

- a) Ênfase no aprendizado como processo dialógico, de construção do indivíduo como um todo: conhecimentos, habilidades e valores;
- b) Flexibilidade curricular;
- c) Valorização da pesquisa, da busca e uso da informação, em variadas fontes e formatos como processo de aprendizado que leva à compreensão do mundo, portanto ao aprender a aprender e ao aprendizado ao longo da vida;
- d) Abordagem cooperativa, transdisciplinar, integrada;

- e) Apropriação da tecnologia como instrumento de aprendizado e sinergia de variados espaços de conhecimento;
- f) O reatamento com a realidade, a contextualização social e pessoal do aprendiz, dos temas e problemas como condição de aprendizado.
- g) Valorização do pensamento crítico, do aprendizado ativo, independente e auto-orientado.

Estes seriam portanto os princípios básicos de organização curricular que norteariam uma Educação voltada para a *Information Literacy*. Exige mudanças no modo de pensar e crenças de toda a comunidade educacional. É um processo longo e ligado à construção de novas visões educacionais individuais e coletivas.

7. Considerações finais

Diferentes concepções de *Information Literacy* podem gerar diferentes modelos de *Information Literacy Education*. Entretanto, é certo que devem envolver em maior ou menor grau habilidades, conhecimentos e valores; englobando conceitos como o processo investigativo, o aprendizado ativo e independente, o pensamento crítico, a aprender a aprender e o aprendizado ao longo da vida.

Sabemos que, frente à realidade atual, mais do que nunca é necessário saber lidar com a informação e seu vasto universo, de modo a aprender continuamente. Preparar o ser humano para que se aproprie deste universo é o papel das instituições educacionais (escolas, bibliotecas e seus agentes).

Se, portanto, considerarmos nosso papel como agentes educacionais, ativamente envolvidos com a comunidade e o ensino/aprendizado, veremos a real dimensão do momento atual e da oportunidade que nos é apresentada (como profissionais e como cidadãos). Não é tarefa fácil empreender tal jornada, principalmente se observarmos nosso entorno, construído sobre uma cultura refratária a mudanças.

A *Information Literacy* é a própria essência desta mudança. É uma expressão realmente provocativa, difícil de ser definida, como uma metáfora da própria vivência humana de aceitação de desafios e revoluções silenciosas: a essência do aprendizado. É a oportunidade que os bibliotecários têm de “fazer a diferença” na formação da sociedade, trabalhando em

parceria com outros profissionais, realizando a difícil tarefa de transformar a visão da profissão e de uma época.

8. Referências Bibliográficas

ALA. American Library Association. (1989) **Report of the Presidential Committee on Information Literacy: Final Report**. 1989.

Disponível em:< <http://www.ala.org/acrl/nili/ilit1st.html> > Acesso em Ago.2000.

_____. American Library Association. (1998) **A Progress Report on Information Literacy: An update on the American Library Association**

Presential Committee on Information Literacy: Final Report. Disponível em:

<<http://www.infolit.org/documents/progress.html>> Acesso em: Jan.2000.

BREIVIK, P.S.; GEE, E.G. (1989) **Information literacy: revolution in the library**. New York: Collier Macmillan, 1989.

BRUCE, C. (1997) **Seven faces of information literacy**. Adelaide: Auslib Press.

CARBO, T. (1997) *Mediacy: knowledge and skills to navigate the information highway*. **Intl. Inform. and Libr. Rev.** , v.29, n.3-4, p. 393-401, 1997.

CASTELLS, M. (1999) **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999. (A era da informação: economia, sociedade e cultura, v.2).

DOYLE, C.S. (1994) **Information Literacy in an Information Society: a concept for the information age**. New York: Syracuse University.

HERNÁNDEZ, F. (1998) **Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho**. Porto Alegre: Artmed.

LANGFORD, L. (1998) Information Literacy: A clarification. **School Libraries WorldWide**, v.4, n.1, p. 59-72.

LANHAM, R. A. (1995) Digital literacy. **Scientific American**, v. 273, n.3, p. 160-161, Sept.

LAVERTY, C. (1997) **What is Resource-Based Learning?** Ontario: Queen's University, 1997. Disponível em: <http://library.queensu.ca/inforef/tutorials/rbl/rblintro.htm> . Acesso em: 30.01.2002.

LEVY, P. (1999) **Cibercultura**. São Paulo: Ed.34.

LYMAN, L. (1979) Literacy education as Library community service. **Library Trends**, v.28, n.2, p. 193-217.

NATIONAL RESEARCH COUNCIL. Committee on Information Technology Literacy. (1999) **Being fluent with information technology**. Washington. Disp.< <http://books.nap.edu/books/030906399X/html/index.html>>

RADER, H. (1998) Library Instructions and Information Literacy - 1997. **RSR**, V.26, p. 143-159.

TAYLOR, R.S. (1979) Reminiscing about the future. **Library Journal**, v. 104, p. 1895-1901, Sept.

ZURKOWSKI, P.G. (1974) **Information services environment relationships and priorities**. Washington D.C.: National Commission on Libraries.